

Especificidades Educomunicacionais Inclusivas num Desenvolvimento Humano mais Universal

Por
Augusto Deodato Guerreiro

Investigador e Professor Catedrático com
Agregação
Escola de Comunicação, Arquitetura,
Artes e Tecnologias da Informação/ULHT
E-mail deodato.guerreiro@gmail.com

RESUMO

O desenvolvimento humano e o progresso em geral acontecem, desde que alicerçados no impulso e dinamização do equacionamento e funcionamento de uma estrutura sinérgica positiva e de contemplação ilimitadamente abrangente e sem exceções.

As especificidades educacionais inclusivas ajudam a promover e a instaurar esse novo paradigma educacional, numa dimensão mais universal e com lugar para todos.

Através do diálogo, empenho e desempenho na socialização e comunicabilidade de todos, podem conceber-se e implementar-se especificidades comunicacionais aumentativas e alternativas e as necessárias condições inclusivas em todas as áreas do conhecimento, de forma a sentirmo-nos todos confortavelmente envolvidos num abraço inclusivo desse mundo de diferenças, em que todos cabemos.

A *educomunicação*, consubstanciada no polinómio educação-comunicação/TIC-cultura inclusiva-pedagogia comunicacional, é o caminhar livre e digno, ético e socializante, numa perspetiva ecoevolutiva humana profícua e eticizante da vida).

Palavras-Chave: *Comunicação; Educação; Cultura; Educomunicação; Desenvolvimento Biopsicossocial.*

INTRODUÇÃO

A vida vem conquistando mais sentido, mais significação e mais efetivação saudável na realização humana, em especial no que respeita ao gozo dos direitos de plena cidadania, à medida que temos vindo a encarar a *essência* do que nos habituámos a chamar problemas *mais* como desafios, que só nos podem exigir também desafios na forma de encontrarmos as necessárias e ajustadas soluções para os mesmos. “A *vida ganha sentido*

quando se faz dela uma aspiração a não renunciar a nada” (Ortega y Gasset, 1883-1955) e, tendo-se ideias e inovações e procurando-se materializá-las e implementá-las, tudo naturalmente se aprofunda, redimensiona e amplia, “*as oportunidades multiplicam-se à medida que são agarradas*” (Sun Tzu, c.^a 500-320 a.C.), e, nessa medida, tudo se pode tornar impulso e sustentabilidade para o desenvolvimento humano e do progresso em geral. “*Uma das vantagens das boas acções consiste em elevar a alma e dispô-la a praticar outras melhores*”, como bem o justificou Rousseau (1712-1778).

No fundo, e muito sucintamente, o desafio que se tem colocado ao homem desde sempre é o sermos capazes de ser felizes e de promover a felicidade à nossa volta. Ninguém é feliz se não procurar infundir e concretizar felicidade nos outros. A felicidade que “*satisfaz verdadeiramente*”, em sintonia com Bertrand Russel (1872-1970), “*é acompanhada pelo completo exercício das nossas faculdades e pela compreensão plena do mundo em que vivemos*”. Para que isso possa acontecer, também temos que ser audazes prementes na partilha das ideias, da sua análise como úteis à sociedade e modo de as implementar.

A propósito, ocorre-nos citar o Padre Manuel Bernardes (1644-1710), quando diz que “*três sortes de pessoas são infelizes na lei de Deus: o que não sabe, e não pergunta; o que sabe, e não ensina; o que ensina, e não faz*”. Temos que não hesitar em ser humildes no questionamento do que não conhecemos o suficiente, partilhar o que entendemos como importante para o desenvolvimento biopsicossocial dos cidadãos, da sociedade e do mundo global, fazer o que em teoria defendemos.

Valorizando e justificando os propósitos científicos que nos mobilizam para as questões em referência, é certo que o estudo e aplicação das especificidades educacionais inclusivas nos ajudarão a promover e a instaurar do novo paradigma educacional, numa dimensão mais universal, alargada a todos os cidadãos, inclusive numa sociedade em rede, independentemente das suas capacidades e competências ou desvantagens sociais. Fundamentamos o conteúdo desta comunicação num conjunto básico de referências bibliográficas que apresentamos no final da mesma, sublinhando que se trata de uma matéria que temos vindo a investigar e a publicar, razão por que inserimos no corpo do texto uma percentagem maior de referências bibliográficas nossas em relação a outros autores.

ARGUMENTAÇÃO/FUNDAMENTAÇÃO: ALGUNS CONCEITOS EXPLORATÓRIOS

No Seminário Nacional “Especificidades Comunicacionais na Educomunicação no Século XXI: Relacionamento e Interação no Desenvolvimento Humano Inclusivo” (realizado nos dias 14 e 15 do passado mês de junho na ECATI/ULHT, no âmbito do Mestrado em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio e linha de investigação Linguagens Especiais e Novas tecnologias/CICANT da ECATI), foi possível aprofundar algo de muito significativo (como uma matéria inédita entre nós) no contexto do preâmbulo com que abrimos esta abordagem. O domínio científico deste evento é o móbil e o suporte também científico desta comunicação.

Desde meados da década de 80 do século passado que pesquisamos, investigamos e trabalhamos a permutabilidade substancial implícita num todo indissociável e promotor do desenvolvimento humano e do progresso em geral, com enfoque no trinómio comunicação-cultura-educação. Temos realizado na área da inter-relação comunicação/educação diversos trabalhos e eventos científicos, utilizando uma conceptualidade e neologismos da nossa própria responsabilidade (mas entendidos como criteriosos e validados na sua partilha com outros investigadores), criando-os e fundamentando-os, conforme o expresso e consubstanciado em investigação nossa publicada (Guerreiro, 2012a, 2012b, 2012c; 2011a, 2011b), para além de mais investigação anteriormente publicada.

Relembrando o evento acima referido (já com saudade!), o balanço que nos mima é positivo, batem-nos à porta agora ideias que, nem antes nem durante o mesmo, ocorreram ou que, por qualquer razão, não se manifestaram, mas que agora se evidenciam, nos alimentam, ampliam e aprofundam mais a utensilagem mental.

Assim, nos eventos científicos que temos vindo a realizar anualmente (no domínio sociocomunicacional supra referido), a questão da comunicação-educação tem-nos merecido particular atenção. Nesse sentido, já organizámos e realizámos na ULHT, no âmbito do Mestrado em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio e linha de investigação em Linguagens Especiais e Novas Tecnologias/CICANT da ECATI, os Seminários Nacionais seguintes:

Nos dias 14 e 15 de junho de 2013, o Seminário Nacional “Especificidades Comunicacionais na Educomunicação no Século XXI: Relacionamento e Interação no Desenvolvimento Humano Inclusivo”, já referido na

Introdução desta comunicação. Nos dias 15 e 16 de junho de 2012, o Seminário Nacional “Comunicação e Cultura no Desenvolvimento Humano: Teorias e Boas Práticas Inclusivas”.

No dia 2 de junho de 2011, o Seminário Nacional “Comunicação e Educação Inclusivas: Metodologias e Estratégias”.

No dia 24 de junho de 2010, o Seminário Nacional “Comunicação, Inclusão e Qualidade de Vida: Desafios e Propostas”.

No dia 11 de julho de 2009, o Seminário Nacional “Capacidade para Comunicar e Interagir: Um Novo Paradigma para o Direito à Participação Social das Pessoas com Deficiência”, do qual resultou o livro “Comunicar e Interagir: um Novo Paradigma para o Direito à Participação Social das Pessoas com Deficiência”, organizado por Augusto Deodato Guerreiro e publicado em 2011 pelas Edições Universitárias Lusófonas/ULHT, com apoio da FCT.

O conteúdo do mais recente Seminário Nacional (o realizado nos dias 14 e 15 de junho de 2013) incidiu num dinâmico e, em nossa opinião, inovador polinómio educacional, cujas essência e substância se traduzem nas sinergias propulsoras de cinco rodas dentadas entrosadas umas nas outras, simbolizando a educomunicação como inter-relação entre a educação e a comunicação, achando-se a educação e a comunicação recíproca e indissociavelmente implícitas uma na outra e, ao mesmo tempo, consubstanciando-se nelas a cultura e a pedagogia comunicacional, numa simbiose biopsicossocial, literária e intelectual, de valores humanos e de cidadania coesos e inclusivos (Guerreiro, 2013). É a força humana, aplicação e ação desta coesão sinérgica viva que confere ao aludido polinómio uma conceção teórica e prática substancialmente inclusiva e promotora do coevolutivo desenvolvimento humano e do progresso em geral (Guerreiro, 2012b; Cittieli e Costa, 2011; Batesson, 1989).

Estamos cientes de que os educadores de infância, cuidadores de estratos sociais com problemáticas deficitárias severas e outras menos graves, terapeutas da fala, pedagogos, comunicólogos, psicólogos, sociólogos, antropólogos, os professores e técnicos de reabilitação, interventores nas diferentes áreas e tipologias da deficiência, deverão dar as mãos, na fundamentação, promoção e aplicação do polinómio perspetivante em referência, e ajudar a formar (formando-se) educacionalistas que possam corresponder às prementes e graves carências educacionais, desde o berço à adultez, que caracterizam nichos

ou “tribos” da sociedade e das próprias sociedades (Guerreiro, 2013). Portanto, para mais facilmente se entender o alcance da formulação do polinómio educacional que pretendemos partilhar, visando a prossecução da nossa investigação, concentrámo-nos na funcionalidade e operacionalidade do sistema vital seguinte: “Educomunicação = Educação + Comunicação/TIC + Cultura inclusiva + Pedagogia comunicacional”, que deverá ser refletido, aprofundado e aplicado, com o necessário rigor científico, em domínios essencialmente do âmbito de intervenção precoce e de atuação dos profissionais da comunicação e da educação, com incidência numa perspetiva educacional sólida e profícua, em que a literacia nos seus diversos domínios esteja sempre implícita (Guerreiro, 2013, 2012a, 2012b, 2011b).

Num diálogo, ou numa conversa mais alargada, todos os interlocutores têm de estar em perfeita interação e intercompreensão, independentemente de regionalismos, dialetos e outros códigos ou processos comunicacionais. É o vocabulário, inclusive o regional ou o muito característico de populações mais antigas (pessoas de idade avançada de lugares recônditos, isolados, onde a literacia nunca coube), é a construção de frases e a entoação das mesmas, é a literacia (incluindo as diferentes simbologias e técnicas de leitura e escrita), é a expressividade e a postura típicas de cada grupo social e de cada região, é a conduta civilizacional, os tipos de cortesia e hábitos culturais e rituais diversos... tantas nuances, tantos fatores e condicionalismos que podem condicionar ou impossibilitar a comunicação e a aprendizagem, se não nos apetrecharmos, para um bom desempenho (eliminando essas dificuldades/obstruções), com os necessários e ajustados conhecimento e saber, capacidade e competência para interagir e ensinar! É o sermos capazes de, com inteligência, sair de uma espécie de nevoeiro mental terrível que tantas vezes obscurece a significação e resultados desejáveis de diálogos ou de conversas que temos uns com os outros, mesmo que informais.

Exemplificando, ainda que de forma simplória, imaginemos: num almoço, em que participam pessoas de vários pontos do país, alguém diz que está “a traquetes” com o conteúdo do prato que está a comer. “Estar a traquetes” (expressão usada pelas pessoas idosas no Baixo Alentejo) significa que se está a lutar para ingerir tudo o que está no prato. “E estes griséus estão muito bem feitos!”, alguém afirma, sendo “griséus” um termo usado pelas pessoas mais velhas no Algarve e que quer dizer “ervilhas”. Nunca vi uma “data” de gente assim! “Data” também se usa no Algarve e significa, neste caso, “muita

gente”. Comi tanto que estou “deslebrado” (o que significa “farto”), vocábulo ainda hoje usado por algumas pessoas mais idosas no Alentejo. Fiquei “repeço” de comer tanto (significando “repeço” arrependido, termo também ainda hoje usado, sobretudo no Baixo-Alentejo). Já comeram e já beberam, já começam a “espertarer”, palavra usada, algures no centro da Beira-Baixa, pelas pessoas mais velhas, que em geral não sabem ler nem escrever, e que quer dizer que já começam a falar alto e irritados. Alguém, criança ou adolescente, com deficiência ou não, que conviva apenas com avós ou idosos em determinado “mundo da vida”, também adota e incorpora no seu vocabulário expressivo analogias, como palavras, modos de estar, atitudes, manifestações, ações e reações... Numa conversa com alguém, simples que seja, é fácil por vezes esquecermo-nos de “trocar por miúdos” determinados raciocínios que fazemos, com as palavras ou conceitos, a abstração e os contextos a que recorremos. Podemos subir e descer, com naturalidade, na complexidade conceptual dos nossos diálogos, consoante o tipo de utensilagem mental que observarmos no nosso interlocutor. Às vezes, sem querer, deixamo-nos embalar pela arte de discursar em público, arte revestida de linguagem literária, visando, como postulavam os antigos, *persuadere* por meio do *dosser*, *delectar* e *mover*. Só que, se insistirmos nesta modalidade discursiva, de eloquência e erudição, em qualquer contexto e lugar, seja com quem for, o brilho e exuberância verbal pode, em vez de persuadir por meio do ensinar, agradar e comover, resultar em nada ou numa incompreensão estulta ou doentia para ambos os lados: o lado de quem fala e gosta de se ouvir e o lado de quem ouve algo que se assemelha a uma língua estranha, que não entende. Temos que nos olhar nas palavras, no relacionamento e interação, aproximando-nos, tanto quanto possível, até nos certificarmos de que há intercompreensão, independentemente dos níveis intelectuais e de saber, capacidades e competências pessoais e sociais, *deficit* ou *superavit* sociocognitivos...

De resto, há cerca de três décadas que andamos à volta de uma inter-relação entre a educação e a comunicação, da formação da união da educação com a comunicação e da comunicação com a educação, numa aglutinação conceptual objetiva, adotando-se o termo “educomunicação” por mais de uma dezena de investigadores, inclusive já em Portugal (Citteli e Costa, 2011; Guerreiro, 2013, 2012b). A nossa persistência no tema visa promover a necessária consensualidade educacional para a realização de uma aprofundada reflexão e consequente atuação e desempenho na específica estruturação de metodologias e estratégias sociocomunicacionais e sócio-educativas, que fomentem a natural inclusão e qualidade de vida das pessoas com deficiência.

Foi, nesta aceção, o motivo que nos levou a atribuir o título ao evento ocorrido nos dias 14 e 15 de junho de 2013 (acima referido), bem assim aos quatro painéis que o constituíram e a seguir enunciados, a cargo de preletores e moderadores de reconhecida idoneidade e competência na matéria, em cujos conteúdos se esbate a nossa comunicação ora apresentada.

Tiveram lugar trinta comunicações nos quatro Painéis, subordinados aos temas “Educomunicação, Media e Inclusão”, “Educomunicação, Literacia e Linguagens Especiais, Ambientes Pessoais de Aprendizagem”, “Educomunicação e Cultura, Tecnologias e Acessibilidades/Mobilidade” e “Um Novo Paradigma Educomunicacional para as Pessoas Surdas: Língua Gestual Portuguesa, Formação Bilingue e Bicultural, Direitos e Informação Política e Partidária”.

Já atrás sustentámos que a comunicação é uma espécie de intermusicalidade e intergestualidade substancial e prático no nosso relacionamento e interação, nas nossas intenções e ações, nas nossas desordens e intercompreensões, nas grandezas e fragilidades das nossas vidas na vida.

A comunicação que estabelecemos uns com os outros pode ser simples e profunda, basta que nos saibamos olhar e não apenas ver (seja por que modalidade sensorial for) de forma intercompreensiva e sem receio do vocabulário e dos recursos não-verbais que estiverem ao nosso alcance para nos entendermos nas diferentes tipologias e formas de interação simbólica que satisfazem uma necessidade inata do ser humano (o relacionar-se e o interagir), efetuando-se esse relacionamento através da emissão, receção e interpretação de imagens simbólicas (visualizáveis, audíveis ou audiotáteis) mediante a utilização de códigos comuns (de ordem cultural e partilhados como resultado de um processo de ensino/aprendizagem e socialização).

A comunicação que estabelecemos uns com os outros pode ser complexa e igualmente profunda, basta que nessa complexidade e abrangência sociocognitiva, relacional e interativa, estejamos contextualizados sob o ponto de vista conceptual, epistemológico, da prática intelectossocial, desejo e prazer no conhecer, saber e partilhar progressivos em todas as áreas do conhecimento. A interlocução ou comunicação interpessoal por qualquer outro processo, a interação entre culturas diferentes ou entre pessoas com capacidades e competências cognitivas e outras muito diferentes, podem oscilar entre a tolerância e a irredutibilidade, inclusive na aceitação das diferenças das diversas formas

de relacionamento e interação, de xenofobismo ou de racismo.

Mas recorrendo à cultura e saber humanos, num novo paradigma sociocomunicacional (o polinómio educacional “educação+comunicação/TIC+cultura+pedagogia”, imbuído nas diferentes literacias), podemos estabelecer consensos nestes domínios, desenvolvendo relações amigáveis e frutíferas entre os povos e as culturas nas sociedades modernas, que são cada vez mais multiétnicas, pluridiferentes e expostas à comunicação intercultural e nas variadas especificidades comunicacionais, assim amenizando ou eliminando determinadas ambivalências que se observam entre as manifestações do universalismo e dos particularismos (Guerreiro, 2012a; Rodrigues, 1999).

Vencemos as variações e condicionantes sociocomunicacionais interculturais e nas diferenças sensoriocognitivas, sociocognitivas e de outra índole qualquer, por intermédio de uma boa e experimentada utilização dos diferentes suportes comunicacionais: verbais, paraverbais, não-verbais, sistemas pictográficos, de forma interlocutiva, intergestual/vísuo-motora, ou manuo-visual, como produção de uma língua falada através de um espaço tridimensional, onde a configuração das mãos, o movimento corporal, a expressão facial, a localização e a orientação das mãos são os parâmetros fonológicos de base, sendo as mãos e o corpo que descrevem todo o esplendor que nos rodeia... o que vemos, sentimos, pensamos e transmitimos (Guerreiro, 2012a; Baltazar, 2010; Amaral, 1994).

Inerente ao acima explicitado, a comunicação é um imperativo ético e uma urgência política (Guerreiro, 2012a; Rodrigues, 1999) que se impõe, sobretudo no relacionamento entre pessoas e instituições e na esfera das relações entre Estados e instituições, para a instauração de consensos e a fundamentação de entendimentos no imensurável mundo da vida e das diferenças dos diferentes agentes sociais nesse mundo, que o podem tornar acessível a todos, porque é de todos (Guerreiro, 2012a). Por isso se deve encarar positivamente o ideal da comunicação como abertura de um espaço caleidoscópico (Rodrigues, 1999) para que, através do diálogo, empenho e desempenho na socialização e comunicação de todos, se concebam e implementem especificidades comunicacionais aumentativas e alternativas e as necessárias condições inclusivas em todas as áreas do conhecimento, de forma a sentirmo-nos todos confortavelmente envolvidos num abraço inclusivo desse mundo de diferenças, em que todos

cabemos (Guerreiro, 2012a).

A *educação* é o efeito cultural e formativo, moral e cívico resultante do tipo de intervenção sociocomunicacional precoce e de organização sistemática no âmbito dos grandes valores humanos. A educação é entendida, vulgarmente, como o ato ou efeito de educar, ostentar e exibir instrução, polidez, cortesia... Os efeitos infinitos e fecundos que a comunicação pode gerar e cultivar, o são mundo da vida pessoal e coletivo, cultural e formativo, moral e cívico e de cidadania, como resultante dos tipos de intervenção sociocomunicacional precoce, por parte da família, de similares educacionais e da organização sistemática no âmbito dos grandes valores humanos e comportamentos e saudável desenvolvimento biopsicossocial, biossociocognitivo e cívico de cada cidadão.

Este processo de intervenção sociocomunicacional e intercompreensivo conduz-nos, por exemplo, ao educador, cuidador, terapeuta da fala, ao pedagogo, que educa, que ensina. Por isso temos o pedagogo, o que professa a pedagogia, o mestre, o que utiliza a pedagogia como arte de educar e de instruir. Por isso temos a cultura, que, em geral, marca as origens dos diferentes atores sociais e confere uma orientação normativa aos seus modos de pensar, sentir, agir e interagir, apesar de, secundando a “a aldeia global” McLuhaniana, a sociedade compartilhar emoções através dos meios comunicacionais, principalmente os audiovisuais, meios que têm vindo, com a evolução tecnológica, a contribuir para moldar a forma de pensar do homem, cativando-o, seduzindo-o, fazendo-o rir, chorar, sentir medo, pavor, solidariedade, partilha, por intermédio de imagens fragmentadas, inspiradas, baseadas ou recortadas a partir do real.

Em sintonia com a perspetiva parsoniana, o desenvolvimento acelerado das novas tecnologias de informação mostra-nos que o ser humano está a perder a capacidade para codificar, armazenar, processar e transmitir todo o tipo de informação sobre um dos condicionamentos fundamentais da comunicação: o espaço e o tempo, estando ambos muito relacionados. Não foi em vão que os nossos avós souberam utilizar unidades de tempo para expressar distâncias e superfícies: o tempo era necessário para percorrer a pé, a cavalo, etc. As novas tecnologias têm desmaterializado, deslocalizado e globalizado a informação. Ao situá-la no ciberespaço libertaram-na das características dos objetos culturais tradicionais (objetos móveis tais como os livros, os quadros, a fotografia), que a sustentavam e cuja materialidade nos limita fortemente, e foi eliminado

o tempo de espera para que uma mensagem chegue do emissor ao recetor (Parsons, 1984; Miranda, 2002; Miranda e Cruz, 2002; Martins, 2002).

O inquestionável, no plano conceptual da educomunicação e das especificidades comunicacionais nele entrosadas, esteve sempre bem presente durante o evento em referência, nas comunicações e nos debates, salientando-se a sensibilidade e a cientificidade desejáveis em todas as intervenções. Perturba-nos, por vezes, a ausência de tempo do tempo para escrever e fazer. Há ideias únicas que só nos ocorrem uma vez na vida, mas que podem perder-se nos paraísos do pensamento por falta de tempo para as acolher e tratar. Servindo-nos de um neologismo miacoutiano, temos de abensonhar essas ideias e a vida, seja na sublimidade do que nos proporciona seja nas adversidades com que nos molesta. A vida é um itinerário singularmente surpreendente e fascinante, como legado divino inviolável e fecundo que nos foi entregue para gerirmos, suportarmos e vencermos todo o tipo de intempéries, com tristezas ou alegrias, vociferando ou sorrindo-lhes. Cabe-nos agradecer este legado e materializá-lo no pugnarmos incessantemente por uma vida digna e inclusiva, até o valor informativo do conceito de inclusão se perder naturalmente, para que todos tenhamos lugar na vida, sem as obstruções invisíveis que, em geral, insistimos em guardar, ou esconder, e que não hesitamos em exibir numa qualquer circunstância oportunística que nos possa fragilizar e persuadir. Mas podemos negociar e exercitar dentro de nós mesmos resistências e competências pessoais e sociais que dão à emoção e à inteligência, à humildade e à tolerância, à coragem e à generosidade na solidariedade e na partilha, à sensibilidade e à cultura, à harmonia e à esperança mais poder e mais força para sermos mais íntegros e indómitos nas nossas convicções e decisões.

CONCLUSÃO/RECOMENDAÇÕES

O que temos vindo a sustentar em relação ao evento em referência e a esta comunicação nele esbatida encaminhamos para considerações finais, que envolvem as reflexões e os resultados apresentados no encerramento do mesmo e que estão consubstanciados nos desta comunicação. Por essa razão, sublinhamos que se efetuaram trinta comunicações ao longo dos quatro Painéis, com trinta e nove autores (porque houve comunicações com mais do que um autor), cujos objetivos expressos no Programa do evento foram atingidos. Mas se juntarmos as seis tomadas da palavra na Sessão de Abertura e as quatro na Sessão de Encerramento, tivemos, em vez de trinta comunicações de trinta e nove autores, quarenta e quatro comunicações de quarenta e oito intervenções. Porém, se considerarmos

ainda a envolvimento de todos os intervenientes de viva voz nos Painéis, tivemos cinquenta e sete intervenientes, porque, nesses intervenientes, esteve também incluída a voz dos seis Moderadores dos Painéis e a voz das três Intérpretes de LGP dos três Oradores surdos. Foi um conjunto de intervenções, cujos excelentes conteúdos e ecos nos deixam imensamente confortáveis e felizes, sob o ponto de vista pessoal, científico e institucional, sobretudo porque se trata de uma matéria nova e bem elucidativa do indiscutível pioneirismo de Portugal neste domínio tão promissor de investigadores das áreas da comunicação, educação, pedagogia e cultura, num singular paradigma educacional, pedagógico e cultural, enunciado e abraçado particularmente pelo Mestrado em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio do DCC da ECATI da ULHT. Abraçado pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Na realidade, secundando Durkheim (1858-1917), *“é preciso sentir a necessidade da experiência, da observação, ou seja, a necessidade de sair de nós próprios para aceder à escola das coisas, se as queremos conhecer e compreender.”*. Sendo a Ciência *“a razão do Mundo”* e a Arte *“a sua alma”* (Gorky, 1868-1936) e sendo a *“finalidade da Ciência”* a Verdade e a finalidade das Artes *“o prazer”* (Lessing, 1729-1781), *só com humildade e inteligência, argúcia e oportunidade, persistência e sensibilidade, coragem e generosidade, cultura e competência, tolerância e atuação, solidariedade e partilha, alegria e tranquilidade, conseguiremos avançar no aprofundamento da investigação que nos move, com a desejável cientificidade e arte.*

Assim, no decurso do refletido, emergente e sugerido naquele evento e nesta comunicação (incorporando nesta intervenção todo aquele espírito científico), salientamos o facto de ter sido possível apresentar e partilhar reflexões e boas práticas, sob o ponto de vista científico e tecnológico, pedagógico e cultural, de esclarecimento e sensibilização pública, em torno de metodologias e estratégias comunicacionais específicas na educação inclusiva no século XXI, com enfoque no relacionamento, interação e desenvolvimento humano, num espaço de debate em que professores de educação especial e outros responsáveis na área da deficiência, investigadores e instituições, técnicos e alunos puderam, designadamente:

1. Contribuir para um alargado debate científico sobre as problemáticas complexas da comunicação e da educação inclusivas, bem como sobre as suas implicações na vida familiar, escolar e social.
2. Provocar um amplo entendimento, intercompreensão

e divulgação dos conceitos e práticas educacionais aplicáveis às diversas tipologias da deficiência.

3. Fundamentar uma melhor inclusão social e qualidade de vida das pessoas surdas, com base no conhecimento, utilização e partilha das diferentes terminologias e conceitos das diversas áreas do saber humano, numa dimensão educacional bilingue e bicultural.

4. Sensibilizar as famílias, profissionais e investigadores, as instituições, os media e a sociedade para a vital importância do processo inclusivo do desenvolvimento sensoriocognitivo e sociocognitivo, de relacionamento e interação das pessoas com deficiência, com recurso às vantagens da comunicação aumentativa e alternativa, tecnologias adaptativas e produtos de apoio, meios humanos auxiliares de comunicação, numa perspetiva educacional e de formação para todos.

5. Refletir metodologias e estratégias para a utilidade e aplicação dos diferentes sistemas comunicacionais específicos e processos inclusivos de educação.

6. Promover a necessária consensualidade educacional para a realização de uma aprofundada reflexão e conseqüente atuação e desempenho na estruturação de metodologias e estratégias sociocomunicacionais e sócio-educativas, que fomentem a natural inclusão e qualidade de vida das pessoas com deficiência.

7. Constatar que o desenvolvimento humano e o progresso em geral só acontecem, desde que alicerçados no impulso e dinamização do equacionamento e funcionamento de uma estrutura sinérgica positiva e de contemplação ilimitadamente abrangente e sem exceções; desde que as especificidades educacionais inclusivas sejam determinantes na promoção e na instauração desse novo paradigma educacional, numa dimensão mais universal e com lugar para todos.

8. Ficar cientes de que a *educação se* consubstancia no polinómio educação-comunicação/TIC-cultura inclusiva-pedagogia comunicacional, em que a literacia em todos os seus domínios tem de estar sempre implícita, o que nos permite assim encontrar num digno caminhar em verdade e liberdade, socializante e esclarecedor, numa perspetiva ecoevolutiva humana promissora e eticizante da vida, como a mais excelsa e singular fonte de inspiração e de treino, arte e ciência para o estabelecimento de bem-estar e qualidade de vida para todos os cidadãos.

9. Propor a urgente publicação das Atas do 5º Seminário Nacional, “Especificidades Comunicacionais na Educação no Século XXI: Relacionamento e Interação no Desenvolvimento Humano Inclusivo”, tendo em conta o seu carácter inovador e de cientificidade no contexto educacional.

10. Propor ainda a abertura de uma nova Coleção nas Edições Universitárias Lusófonas, com o título Linguagens Especiais e Novas Tecnologias (a linha de investigação integrada no CICANT), para a publicação de dissertações e teses e de outros trabalhos de investigação, que são únicos em Portugal e desenvolvidos no âmbito exclusivo da ULHT.

BIBLIOGRAFIA ESSENCIAL DE FUNDAMENTAÇÃO:

AMARAL, M. Augusta, et al. (1994). *Para uma Gramática da Língua Gestual Portuguesa*. Lisboa, Caminho.

BALTAZAR, A. (2010). *Ideias incorrectas sobre a LGP e as pessoas surdas*. "Surdos Notícias", vol. 2.

BATESON, G. (1989). *Metadiálogos*. Lisboa, Gradiva.

BATESON, G. (1987). *Natureza e Espírito*. Lisboa, Publicações Dom Quixote.

BATESON, G., et al. (1981). *La Nouvelle Communication*. Paris, Seuil.

BERTALANFFY, L. von (1972). *Théorie Général des Systèmes*. Paris, Dunod.

BRONFENBRENNER, U. (1987). *La Ecología del Desarrollo Humano*. Barcelona, Paidós.

CARDOSO, G. (2006). *Os Media na Sociedade em Rede*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

CASTELLS, M. (2005). *A Sociedade em Rede*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

CITELLI, A. O., e COSTA, M. C. C., Orgs. (2011). *Educomunicação: Construindo uma Nova Área de Conhecimento*. São Paulo, Editora Paulinas.

DESCHÉPPER, J. (1992). *Saber Comunicar com os Jornalistas de Imprensa, Rádio e Televisão*. Lisboa, Edições CETOP.

FONSECA, Vítor da (1999b). *Perturbações do Desenvolvimento e da Aprendizagem, Tendências Filogenéticas e Ontogenéticas*. Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana/UTL.

FONSECA, Vítor da (1999a). *Aprender a Aprender a Educação Cognitiva*. Lisboa, Editorial Notícias.

GUERREIRO, A. Deodato (2013). *Educomunicação inclusiva no século XXI: desafios e propostas*. In: Atas do Seminário Nacional "Especificidades Comunicacionais na Educomunicação no Século XXI: Relacionamento e Interação no Desenvolvimento Humano Inclusivo", realizado nos dias 14 e 15 de junho, Lisboa, organizado pela ECATI/ULHT.

GUERREIRO, A. Deodato (2012a). *Comunicação e Cultura Inclusivas*. Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

GUERREIRO, A. Deodato (2012b). *Comunicação e cultura inclusivas no desenvolvimento humano*. In: livro de Atas do LIC'12 - Lusófona International Congress: Perspetivas Internacionais (Evento realizado nos dias 8 a 10 de novembro). ISLA-Gaia, Portugal, Editores António

Lencastre Godinho e José Joaquim Moreira; 33-45.

GUERREIRO, A. Deodato (2012c). *Comunicação, educação e cultura inclusivas nos media*. In: "Atas do X Congresso Lusocom" (Evento realizado nos dias 27 a 29 de setembro). Lisboa, ISCSP/UTLisboa.

GUERREIRO, A. Deodato, Org. (2011a). *Comunicar e Interagir: Um Novo Paradigma para o Direito à Participação Social das Pessoas com Deficiência*. Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

GUERREIRO, A. Deodato (2011b). *Literacia Braille e Inclusão: Para um Estudo Histórico-Cultural e Científico da Tiflografia, Tiflogia, Infotecnologia e Equipamentos Culturais em Portugal*. Lisboa, Câmara Municipal - DMC/GRC.

LINDSTONE, J. (1994). *Como Lidar com os Media*. Lisboa, Edições CETOP.

MARTINS, M. Lemos (2002). *A Linguagem, a Verdade e o Poder: Ensaio de Semiótica Social*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia.

MARTINSEN, S. T. H. (2000). *Introdução à Comunicação Aumentativa e Alternativa*. Porto, Porto Editora.

MIRANDA, J. A. Bragança de. (2002). *Teoria da Cultura*. Lisboa, Edições Século XXI.

MIRANDA, J. A. Bragança de, e CRUZ, M. Teresa, Orgs. (2002). *Crítica das Ligações na Era da Técnica*. Lisboa, Tropismos.

MITTLER, P. (2003). *Educação Inclusiva: Contextos Sociais*. São Paulo, Artmed Editora.

PARSONS, T. (1984). *Sociedades: Perspectivas Evolutivas e Comparativas*. São Paulo, Livraria Pioneira.

PIAGET, J. (1989). *A Linguagem e o Pensamento da Criança*. São Paulo, Martins Fontes.

PIAGET, J. (1986). *O Nascimento da Inteligência na Criança*. Lisboa, Publicações Dom Quixote.

POPPER, K. (1992). *Em Busca de um Mundo Melhor: Ensaios*. Lisboa, Fragmentos.

REI, J. N. Esteves (2002). *A Comunicação Estratégica*. Vila Nova de Gaia, Estratégias Criativas.

RODRIGUES, A. Duarte (1999). *As Técnicas da Comunicação e da Informação*. Lisboa, Presença.

RODRIGUES, David, Org. (2003). *Perspectivas Sobre a Inclusão: da Educação à Sociedade*. Porto, Porto Editora.

VERDUGO ALONSO, M. A. (1996). *Como Mejorar la Calidad de Vida de las Personas con Discapacidad: Instrumentos y Estrategias de Evaluación*. Salamanca, Amaro Ediciones.

VYGOTSKY, L. S. (1998). *Pensamento e Linguagem*. São Paulo, Livraria Martins Fontes.

VYGOTSKY, L. S. (1992). *A Formação Social da Mente: Psicologia e Pedagogia, o Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores*. São Paulo, Livraria Martins Fontes.

WATZLAWICK, P., et al. (1993). *A Pragmática da Comunicação Humana*. São Paulo, Editora Cultrix.